



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE PESQUISAS E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS
DIVISÃO DE PESQUISAS
SERVIÇO DE AVALIAÇÃO



CADERNOS DE AVALIAÇÃO

N.º 13

TÉCNICA DE COMUNICAÇÃO EM AVALIAÇÃO

1966



REPUBLICA DE VENEZUELA
MINISTERIO DEL PODER JUDICIAL
TRIBUNAL DE LO CIVIL Y MERCANTIL
DIVISION DE PROCEDIMIENTO
SECRETARIA DE VENEZUELA

CABEROS DE AVALUACION

SECRETARIA DE VENEZUELA

TECNICA DE INVESTIGACAO EM AVALIACAO

JUSTIFICATIVA

Diretora do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais

ALDA CARDOZO KREMER

Diretora da Divisão de Pesquisas

LEDA RIBEIRO SOEIRO

Elaborado por:

SUELLY AVELINE

Chefe do Serviço de Avaliação

**CLAUDIA DE VITA
ELSA VIECCILI**

do Serviço de Avaliação

Divisione di Scienze e Lettere e Giuridiche
ALBA CARLOTTA KRUMHOLTZ

Divisione di Scienze Naturali
FRIDA TERESA BURRO

Divisione di Scienze
SARAH VIGOR
Divisione di Scienze

CLARA DELLA
ESSA VIGOR

Divisione di Scienze

TÉCNICA DE COMUNICAÇÃO EM AVALIAÇÃO

I. JUSTIFICATIVA

A avaliação é um sistema intencional e discriminativo de verificações, que tem como finalidade tornar a aprendizagem mais efetiva, diz J. L. Murrsell.

Qualquer destas verificações é por nós considerada, como um dos recursos que o estudante pode utilizar para comunicar-se com os educadores (pais ou professores), ou seja, para dizer-lhes "o que" e "como" aprendeu, assim como o uso que está fazendo destes conhecimentos.

Mas o seu resultado, como meio de comunicação e aprendizagem pode ser reduzido e, até mesmo anulado, se transformar-se num instrumento repleto de ansiedades e trivialidades, em lugar de material vital de educação.

Desta forma, os recursos de avaliação testam também os educadores quanto à técnica de comunicação que, habitualmente, empregam, técnica esta que muito nos vai dizer sobre as suas possibilidades de encorajar o aluno a manter um diálogo constante com a realidade, com a verdade, ou, ao contrário, de tolher completamente a sua liberdade de expressão, despertando-lhe uma necessidade profunda, pelo irreal, pelas aparências, pelas apreciações ou julgamentos de superfície.

Justifica-se, assim, a preocupação deste Órgão em aprimorar os conhecimentos dos educadores e em elevar cada vez mais os seus níveis de realizações, em matéria de comunicação em avaliação, a fim de que possam, de fato, comunicar aquilo que há de essencial no processo de avaliação que é realmente esta virtude de impedir que "alguém" venha transformar sua vida numa mentira existencial.

II. OBJETIVOS

A. Realizar estudos e observações sobre a técnica de comunicação em avaliação

B. Levantar alguns problemas sobre esta técnica, entre eles, o da ênfase demasiada que ainda vem se dando às notas ou conceitos e sobre as suas conseqüências.

C. Motivar a inclusão, no sistema didático ou no sistema de educação familiar, de recursos para a recuperação do estudan-

te ou para um melhor aproveitamento de suas capacidades, através de um atendimento individual ou em grupo.

III. PROGRAMA DE ESTUDOS E ATIVIDADES (SÍNTESE)

A. UNIDADE FILOSÓFICA

1. Filosofia da técnica de comunicação em avaliação.

2. Direito à informação.

1. A técnica da comunicação em avaliação pressupõe o diálogo, o tipo mais eficaz de diálogo educativo. A idéia deste diálogo levanta o complexo problema das relações entre a autoridade do educador e a responsabilidade do educando, ou de ambos, isto é, o problema da relação entre liberdade e autoridade.

Por que insistimos sobre o caráter “compreensivo” do diálogo entre educador e educando, em matéria de avaliação?

Limitando-nos aos aspectos mais importantes do problema, consideramos êstes resultados:

a) a reorganização do mundo perceptivo

Ao avaliarem juntos qualquer tarefa, êste diálogo compreensivo entre educador e aluno, ou entre pai e filho, tem o surpreendente efeito de conduzir a ambos a uma nova visão de si mesmos, a uma melhor aceitação dos outros e uma concepção mais ampla do mundo e da vida, podendo haver, portanto, uma reformulação de valores, possíveis melhorias e progressos.

Às vezes esta mudança de percepção é verdadeiramente profunda e quase dramática. A comunicação em avaliação é, realmente, uma força de grande poder.

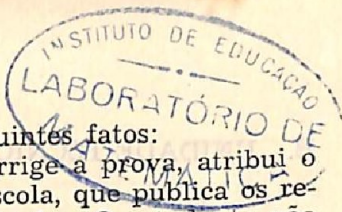
Pode servir a qualquer causa, “pode ou não, servir à causa da paz, da liberdade e da justiça na Terra”.

b) desenvolvimento e integração

São fatores complementares e inseparáveis.

“O desenvolvimento não é considerado como um valor supremo, mas como um instrumento ao serviço dos verdadeiros valores humanos, os valores do espírito”.

Quanto à integração: “esta deve quebrar o cerco fechado das divisões que afastam uns dos outros, diminuindo-os em si mesmos”.



Pensemos nas conseqüências dos seguintes fatos:

— “Em muitos casos, o professor corrige a prova, atribui o grau, entrega as provas à secretaria da escola, que publica os resultados, e é tudo. Aqui termina a avaliação. O estudante não fica sabendo o que errou, o que compreendeu mal, que conceitos defeituosos formou. A prova não lhe revela muitas direções e muito menos lhe ensina a satisfação de verificar os avanços que realizou”.

— O dia do exame é o dia do “ajuste de contas”: “Algumas vêzes, os exames são encarados como uma oportunidade dada ao professor para punir aqueles alunos que dormem em suas aulas, que se mostram crônicamente entediados e desinteressados, que toram o seu tempo com perguntas estúpidas e sem nexos, ou que são simplesmente preguiçosos e incompetentes. O dia dos exames surge como o dia do ajuste de contas, a ocasião propícia para castigar os delinqüentes cuja recusa de aprender causa aos professores, com tanta freqüência, a sensação de inutilidade e frustração”.

Por trás da “maneira de ser do professor” durante os exames, testes, ou de outro recurso qualquer de avaliação, assim como, da forma como comunica seus resultados aos alunos e aos seus responsáveis, acha-se implícita uma filosofia de vida e, como decorrência, uma filosofia da educação.

2. Direito à informação

Existe, portanto, na sociedade humana, o direito à informação sôbre aquelas coisas que interessam os homens, segundo as condições de cada qual, quer individualmente, quer reunidos em sociedade.

O reto exercício desse direito exige, todavia, que a notícia seja sempre objetivamente verdadeira e íntegra a respeito da justiça e da caridade; além disso quanto ao modo, seja honesta e conveniente, isto é, que se observem as leis morais do homem e os seus legítimos direitos e dignidades, tanto na procura de notícias quanto na divulgação delas; na verdade, nem tôda a ciência aproveita, “a caridade, porém, é construtiva”.

O comportamento dos pais em relação aos filhos ou em relação à escola é determinado não só por suas convicções, sentimentos, experiências e consciência social como também pelo que êles consideram “o que é certo” no momento. Por isso, antes de prestar-lhes informações sôbre a avaliação da vida escolar dos filhos, convém investigar não só as suas convicções e suscetibilidades sôbre “o que é justo”, mas também os sistemas “realistas” que servem para orientar os seus atos em situações especiais.

B. UNIDADE TÉCNICO-PEDAGÓGICA

1. Ao comunicar os resultados de uma avaliação aos alunos e aos pais ou responsáveis, o professor se defronta com uma enorme escala e variedade de mentalidades e temperamentos. Daí a importância do conhecimento, em maior profundidade, da psicologia dos estudantes que estão sob sua direção e dos adultos que com eles convivem.

2. No plano técnico-pedagógico, concentraremos nossa atenção:

- a) na mensagem
- b) em quem a transmite
- c) em quem a recebe
- d) nos materiais de comunicação em avaliação: boletins, fichas, relatórios etc.

a) Na mensagem

Vamos aqui nos deter no conteúdo, isto é, nas afirmações que vamos fazer, nos nossos pontos de vista, nos conceitos a respeito dos alunos e nas conclusões a que chegamos relativamente a seus progressos e desenvolvimento.

O conteúdo da mensagem possui elementos e estrutura. O “como” vamos prestar as informações determina em parte a estrutura do conteúdo.

Na seleção dos elementos e da estrutura há muitas decisões a tomar, muitas disponibilidades entre as quais escolher. Ao fazer estas escolhas, o educador revela o seu estilo de comunicar, a sua personalidade e outras características individuais, entre elas: habilidades comunicadoras, atitudes, conhecimentos e técnica, inteligência, posição no contexto sócio-cultural etc.

Exemplificando, “Bethoven” não foi criança prodígio. Nem sequer foi precoce como rapaz. Causou pouca impressão sobre seus mestres. “Bethoven”, dizia Albrechtsberger, que tentara ensinar-lhe composição “nunca aprendeu e nunca aprenderá coisa alguma. Como compositor é um caso perdido”.

Conta-se também que EINSTEIN foi apontado por um dos seus mestres como um aluno mais do que medíocre em matemática.

b) Em quem transmite a mensagem

Quando professores, alunos e pais planejam juntos um programa de ação e juntos procuram avaliar os resultados das atividades desenvolvidas, desaparece este problema de "Quem avaliar?".

Mas quando, quase tudo se concentra na responsabilidade do professor (na avaliação de forma restrita), então, uma série de requisitos básicos devem ser atendidos, entre eles:

1.º) experiência prévia com os pais ou responsáveis pelos seus alunos para que sobre esta base possa utilizar a realimentação em grau cada vez maior: a palavra "realimentação" significa um aspecto especial da resposta dos pais aos resultados da avaliação, dados pelo professor, e o uso que este pode fazer desta reação como verificação de sua própria eficiência na "arte de comunicar" e como guia para ações futuras.

A realimentação é um instrumento de influência muito importante porque aumenta a efetividade da comunicação.

Exemplificando, o professor que sempre manda chamar os pais de um aluno para queixar-se dele, provoca uma realimentação negativa. Os pais poderão: pedir ao diretor que transfira o filho desta classe, argumentando que o professor "não gosta dele"; exercer pressão sobre o mesmo com ameaças de castigo ou proposta de prêmios; predispondo-o, assim, contra a disciplina em questão, ou polarizando sua atenção apenas na "nota" ou "conceito"; ou ainda, na intimidade do lar, tecer críticas à capacidade do professor como educador. As possibilidades de observar, cuidadosamente, as reações dos outros às nossas mensagens, e de controlá-las, é uma das características da pessoa que se considera "sensível como comunicador" e eficiente em relações humanas.

Em grande parte, a nota ou conceito não deixa de ser um produto deste interrelacionamento humano.

2.º) as atitudes do educador para com o estudante, pais ou responsáveis, afetam o processo da comunicação em avaliação.

Quatro tipos de atitudes são consideradas relevantes:

1. a atitude do educador para consigo mesmo;
2. a atitude para com o assunto (exames, provas, notas ou conceitos etc.);

3. a atitude para com os alunos, pais ou responsáveis;
4. a atitude para com os administradores (avaliação a serviço dos propósitos administrativos ou legais).

Uma atitude pode ser considerada como “um padrão de reação ou uma tendência para pensar ou agir de maneira específica em determinadas circunstâncias”.

O comportamento de comunicação pode ser afetado pelas experiências pessoais do educador relativas a exames ou notas.

Mencionaremos apenas algumas interferências desfavoráveis que afetam a comunicação em avaliação, ou sejam:

— o “efeito de halo”, isto é, a influência que exerce a impressão geral e global da pessoa (principalmente, as primeiras impressões) ao ser avaliada. Se o educador simpatiza com o aluno que deve julgar, tende a classificar tudo favoravelmente; se não gostar dêle, o mesmo não acontece;

— o denominado “êrro de generosidade”, isto é, a necessidade quase compulsiva em avaliar todos os alunos, na média ou acima desta. As causas dêste comportamento prendem-se, muitas vêzes, a traumas e fracassos na vida escolar do educador;

— a tendência a evitar os extremos da escala, isto é o não conseguir atribuir as notas máximas ou mínimas. Tal tendência é denominada, às vêzes, êrro de tendência central. Isto se tem observado em avaliadores que sentem uma necessidade neurótica de manter o outro num plano de mediocridade;

— o “êrro de estereótipo”. Isso significa que alguns avaliadores deixam-se dominar por preconceitos raciais, políticos, sociais, religiosos, econômicos ou profissionais e tenderão a classificá-los de acôrdo com tais idéias.

c) Em quem recebe a mensagem

Quem recebe a comunicação em avaliação?

— o aluno?

— os pais ou responsáveis?

— a comunidade local?

Os alunos reagem de forma diversa em relação às avaliações que recebem.

O que refletem os graus, notas ou conceitos, obtidos por um aluno durante o ano?

Embora a capacidade e a competência pesem como fatores importantes, em última análise, são produtos de interação entre professor e aluno e entre pais e filhos .

O grau ou conceito que um aluno recebe num curso, nos diz até que ponto, o aluno deseja o bom conceito do professor ou, o filho, o bom conceito e a estima dos seus pais.

O fracasso não é apenas um fato; implica também e fundamentalmente numa atitude de rejeição com graves conseqüências.

Sabemos que o professor, isoladamente, quase nada pode fazer no sentido de diminuir a intensidade da ênfase que se costuma dar aos graus ou conceitos, tão prejudiciais para a saúde mental do aluno, já que leis e regulamentos e o próprio fato da escola "pertencer" a uma sociedade acentuadamente competitiva, obrigam-no, de certa forma, a usar um sistema de classificação e não um sistema por "níveis de desenvolvimento", a forma ideal de avaliação para a qual nos orientamos, gradativamente.

Os pais ou responsáveis, a comunidade local, ao conferirem demasiada importância às classificações em avaliação (festas de fim de ano com distribuição de medalhas e "cartões de honra" etc. aos alunos que se distinguiram nos exames), com reduzido destaque da capacidade que realmente devam possuir em aplicar e relacionar os seus conhecimentos aos problemas da vida, em pô-los a serviço do bem comum, estão realmente "comunicando" — que, obter uma boa classificação, é mais importante do que se dedicar ao que é essencial em matéria de aprendizagem.

Por outro lado a ênfase em trivialidades desperta ansiedade nos estudantes porque pode dar origem a frustração e ao ressentimento.

Com freqüência, os mais atingidos abandonam a escola por ser esta um lugar de contínuas ameaças, de humilhação e de frustração e porque sentem que falta aos professôres a compreensão de seus problemas.

d) Nos materiais de comunicação em avaliação

Referem-se aos relatórios dirigidos aos pais sôbre o aproveitamento dos filhos, boletim, ficha de avaliação etc...

São de um valor educativo extraordinário, quando técnica-mente bem elaborados, isto é, quando estimulam o pensamento

reflexivo, a objetividade, a iniciativa, a criatividade, o senso de responsabilidade, a perseverança e a honestidade, além de produzirem valiosos "insights".

Dando ao estudante oportunidade de participação e responsabilidade no manejo destes materiais, atendemos a aspectos fundamentais do seu desenvolvimento: senso de confiança, atitudes corretas frente ao processo de avaliação, preservação e aumento de auto-estima etc.

"Aprendizagem é insight". "Aprendemos o que vivemos, mas só vivemos o que tem importância e sentido para nós".

IV. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, Harold P. e DICKEY, Franck G. — "Princípios Básicos de Prática de Ensino" — Centro de Publicações Técnicas da Aliança para o Progresso
- BERLO, David — "O Processo de Comunicação — Fundo de Cultura
- BOLETINS — do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais — R. G. S. (Publicações da Seção de Provas e Medidas)
- BRADFIELD, James e MOREDOCK, H. Stewart — "Medidas e Testes em Educação" — Ed. Fundo de Cultura
- LINDGREEN, Henri Clay — "A Saúde Mental na Educação" — Aliança para o Progresso
- MERTON, Thomas — "O Homem Novo" capítulo: "Liberdade de Expressão" — Agir
- NOLL, Victor H. — "Introdução às Medidas Educacionais" — Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais
- PAULO VI — Decreto sobre os meios de Comunicação Social — Ed. Paulinas
- PAULO VI — Desenvolvimento é o novo nome da Paz — Carta aos bispos da América Latina — Jornal do Dia — 13.10.66
- PENTEADO, J.R. Whitaker — "A técnica da Comunicação Humana"
- REDDEN, John D. — Filosofia da Educação — Agir
- ZAVALLONI — Educación y Personalidad — Editorial "Razón y Fé"